

CONTEXTO DIGITAL E ENSINO DE LÍNGUAS: O CASO DE UM SITE DE RELACIONAMENTO

Grasiela Veloso dos Santos¹

RESUMO

Neste texto são tecidas considerações sobre o ambiente digital *facebook*, no que concerne ao seu caráter dialógico, ideológico e linguístico, levando em conta o aporte teórico relacionado ao conceito de letramento e formação digital de professores, conceitos que vem sendo discutidos nos últimos anos, principalmente relacionados à formação de professores. Procura-se, dessa forma, refletir sobre a possibilidade de uso desse *site* de relacionamentos para o contexto de ensino em sala de aula, já que muitos alunos vivenciam essas experiências diariamente, assim como os próprios professores.

Palavras-chave: *site* de relacionamento, letramento, ensino, *facebook*.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

Este texto visa apresentar algumas considerações relacionadas ao *site* de relacionamento *Facebook* e sua possibilidade de uso como uma ferramenta de ensino aprendizagem de língua materna. Para tal empreendimento, buscou-se alguns aportes teóricos que melhor se identificam com esse tipo de discussão.

Para as considerações composicionais do *site*, relacionados ao conceito de hipertexto, é relevante as definições de Lévy (1993), pesquisador da cultura virtual, bem como de Barros (2006). Considera-se ainda alguns aportes teóricos que discutem o termo Letramento, por considerá-lo concernente às discussões atuais de usos conscientes e críticos dos diversos gêneros discursivos, conforme os moldes de Meneses de Souza (2011), Rojo (2009), Snyder (2010), Buzato (2007, 2008) e Marcuschi (2002).

A observação do caráter dialógico do *site* permite uma retomada dos pressupostos de Bakhtin (1997) com uma aplicação prática de alguns pontos discutidos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem-IL/UFMT/MeEL. E-mail: grasinhavs@hotmail.com

pelo autor, como as atitudes responsivas dos usuários que resultam em apreciação crítica aplicados em dois recortes.

Na relevância do *site* para o contexto de ensino-aprendizagem buscou-se contextualização em Jesus (2011), Jordão (2007), Marcuschi (2002) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2006).

Deixando claro que a intenção é mostrar alguns vieses teóricos, sem discussão de possíveis incongruências existentes entre eles, visando apenas uma apresentação sucinta desses olhares e sua aplicação prática no contexto do *site*, num olhar mais interpretativista.

2. O *site* de relacionamento

Vivemos na era da exposição e do compartilhamento da vida privada ao público, essa composição faz parte de uma nova sintaxe da vida social e desafia o próprio conceito de privacidade, podendo deixar de existir ou mudar conceitualmente. A língua como constitutiva do ambiente sociocultural, faz com que nos defrontemos com variadas práticas sociais, nas quais ela é fundamental, e está presente em todos os eventos da atividade humana: desde o espaço escolar até em espaços não escolarizados.

Um dos eventos muito presentes na vida contemporânea é o uso de ferramentas digitais da *web*, entre elas, as redes sociais. Essas redes acoplam diversos gêneros do discurso², os quais ganham novo suporte e até mesmo evoluem quanto a sua composição formal, por isso possuem uma natureza híbrida. São exemplos de gêneros digitais envolvendo a comunicação virtual: *Twitter*, *blog*, *fotolog*, *facebook*, *MSN*, *e-mail*, *chat*, *jogos*, entre outros.

O *facebook*, um dos *websites* escolhidos para esta reflexão, é uma rede de relacionamentos que consiste numa exposição não completamente explícita pelos usuários, pois nem todos os recursos são visíveis a outros usuários, como as mensagens, e as fotos, que podem ter sua visualização restrita à usuários não adicionados à lista de amigos. Nele são postados fotos e textos variados que podem ser compartilhados com seus amigos, que não só leem o que foi exposto, mas também se tornam participantes da

² O mesmo a que se refere Bakhtin em *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

“conversa”, construindo-se novos diálogos. Além disso, pode ser usado para promoção pessoal e profissional, entre outras possibilidades.

No início de 2004, o *facebook* era utilizado apenas por estudantes da Universidade de Harvard e recebia o nome de *thefacebook.com*. Com o tempo, foi se popularizando e hoje é acessado no mundo todo por milhões de pessoas. Talvez, o que leve os usuários a aderí-lo, é a opção de privacidade ‘controlada’ por ele e a gama de interatividade.

3. O site e os hipertextos

Uma das características perceptíveis nessa rede é a presença constante de hipertextos. O hipertexto é um sistema de indexação de informações, no qual um texto se relaciona a outro ou segundo Pierre Lévy (1993), um conjunto de nós ligados por uma conexão. Pode ser comparado a um dicionário, em que as definições não se acabam ou se ligam umas as outras, numa relação de certa forma, hierárquica, mas não-linear. Através de um simples clique em um *hiperlink*³ a viagem começa, terminando apenas quando o usuário mudar de direção ou cansar-se das intermináveis informações direcionadas por esses *links* ou *hiperlinks*. Lembrando o exemplo de Lévy (1993), diferentemente de uma consulta enciclopédica impressa, em que temos um controle maior sobre nossa pesquisa, essa navegação faz com que nos percamos muito facilmente de nossos objetivos principais, de quando havíamos iniciado.

O hipertexto também pode ser comparado a uma teia, a qual vai sendo tecida por um *link*, que direciona a outros numa sequência quase infinita de enunciações. O interessante do *facebook* é o processo de interação dos participantes que vão compondo seus textos a partir de outros. E, para o usuário que queira ter um papel mais ativo diante dos textos publicados no mural, utilizam-se de sistema de buscas para indexação de novos textos que dialoguem com os já postados, ou não. Apesar de muitos textos não serem de sua autoria, eles não deixam de expressar as ideologias das pessoas que os aderiram, trazendo consigo novos seguidores ou formando novas opiniões através de novos textos. Destacamos que o termo texto, é utilizado aqui, no sentido geral,

³ Cf. Glossário de termos de EAD: (Vínculo) Palavras ou imagens destacadas, sensíveis ao clique do mouse que levam para outro documento ou parte de um documento Web. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Gloss%20E1rios/Gloss%20E1rio%20EAD.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2013.

englobando desde imagens, vídeos, textos escritos, como notícias, sinopses de filmes, propagandas, piadas, mensagens religiosas e muitos outros. De acordo com Barros:

[...] a leitura de hipertextos exige uma participação muito mais ativa do leitor na medida em que cabe a ele reconstruir os sentidos dos textos através da não linearidade presente nos hipertextos. Essa possibilidade de eleger seus próprios percursos de leitura, de promover ligações, com outros textos permite ao leitor ocupar um amplo e novo espaço, uma vez que uma nova estrutura de narrativa é criada, além de promover um estreitamento das distâncias estabelecidas através da facilidade de interconectar informações vinculadas, tornando o leitor um co-autor do texto que vai sendo construído (BARROS, 2006, p. 140).

As ações do usuário através dos hiperlinks, torna-os, de certa forma, mais autônomos quanto as suas escolhas.

Desta forma, pode-se dizer que o *Facebook* pode ser uma ferramenta interdisciplinar, considerando os hipertextos como meios para abordagens de diversos temas.

4. Letramento

Ao tratar do *Facebook*, cabe destacar algumas observações em torno do termo letramento que, vem ganhando cada vez mais discussões e vem sendo amplamente estudado nos últimos anos.

No início, o termo era tido apenas como sinônimo de alfabetização ou o simples processo de codificação e decodificação da língua escrita. Surgido na década de 70, hoje muitos autores utilizam o termo novos letramentos para diferenciar do antigo conceito. Dessa forma, conforme Menezes de Souza, (2011, p. 285) “letramento era aprender como usar a escrita em determinados contextos diferentes”. Escrever um determinado gênero era diferente de escrever outro e emenda: “[...] Assim surgiu o conceito de que a escrita e a leitura eram práticas sociais manifestadas de formas diferentes em comunidades diferentes e em contextos diferentes.”

Percebe-se dessa forma, que o conceito de letramento implica uma relação com o contexto, estudar/usar determinado gênero requer o entendimento do contexto em que está inserido. Buzato (2007, p. 07) concebe contexto em dois sentidos: *lato sensu* e

stricto sensu. No primeiro, no sentido mais amplo; “como sendo uma cultura ou um conjunto de agentes e relações sociais associadas a um determinado espaço geográfico ou tempo histórico” e já no segundo, no sentido restrito, “como uma situação específica encenada dentro de uma dessas subdivisões”. Depreende-se, que o contexto é algo estreitamente relacionado a aspectos de espaço e tempo atrelados às relações sociais.

Nos moldes de Snyder (2010) *apud* Seganfredo-Santos & Cichelero (2012, p. 199), letramento define-se “para além da concepção estrita de simples codificação e decodificação da língua escrita, passando a levar em conta fenômenos de natureza social e que não seja algo fixo, mas algo que está sempre em transformação”.

Rojo (2009, p. 107), ampliou ao vocábulo letramento outros mais como: multiletramento (ou letramentos múltiplos ou multiculturais), letramentos multissemióticos e letramento crítico. É pertinente ao âmbito dos letramentos múltiplos a consideração dos letramentos das culturas locais e de seus agentes, valorizados, universais e institucionais (visual, digital, escrita, sinais, teatro, dança, etc.); dos letramentos que dizem respeito ao campo da imagem, música e outras semioses que não somente a escrita; e do letramento crítico uma visada voltada para o “trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos” (ROJO, 2009, p. 108).

Concernente às práticas de letramento relacionado às mídias digitais, Buzato (2008, p. 328) coloca que tais práticas estão atreladas ao uso de computadores (ou outros dispositivos digitais). Nas suas palavras:

Letramentos digitais são redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente nas e por meio, virtude ou influência das TIC⁴ (Buzato, 2007), e que o fazem diferentemente em contextos culturais e situacionais diferentes.

Para além do conhecimento das multimodalidades que nos cercam, alguns autores apresentam a concepção de letramento crítico, mais abrangente, pois pensa a

⁴ T.I.C.: Tecnologias da Informação e Comunicação, correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem. Definição retirada do *site*: <<http://totlab.com.br/noticias/o-que-e-tic-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

língua como discurso, inserida num sistema de construção de sentidos ideologicamente marcados por relações de poder. Para Jordão (2007, p. 24), o letramento crítico

[...] apresenta-se como uma alternativa para ressaltar aos nossos olhos a multiplicidade de maneiras de construir sentidos e entender o mundo, as relações de poder que se estabelecem entre elas, a rotatividade dos confrontos decorrentes de tais relações, e a necessidade de especular sobre o que possibilita a existência de cada uma das perspectivas, bem como quais podem ser suas conseqüências no mundo. Abordar a aprendizagem por tal viés significa pensar no mundo “multimodalmente”, ou seja, considerar a diversidade de maneira crítica, percebendo nela a potencialidade construtiva e destrutiva dos confrontos entre diferentes visões de mundo.

No caso do *site Facebook*, por se tratar de um gênero digital, é de grande relevância salientar o caráter multissemiótico⁵ do *site*; pois tem em sua composição uma gama variada de gêneros que reflete e infere a outros tipos de textos, desde textos escritos até fotografias e vídeos, carregados de uma dimensão intertextual e interdiscursiva direcionadas pela hipertextualidade.

5. Aspecto dialógico

O dialogismo é um mecanismo de interação verbal/textual muito comum na polifonia que é o processo no qual um texto revela a existência de outras vozes em seu interior, inter-relacionando-se umas com as outras causando mais inspiração ou influências. Segundo Bakhtin (1997, p. 193) “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal”. No *facebook*, não só os *hiperlinks* levam a esse processo dialógico, mas a própria composição gráfica da página – a *interface*, que consiste numa visualização mais dinâmica através de componentes gráficos mais plásticos entre o usuário e o *site*.

Percebe-se que o repertório discursivo entre os interlocutores que se utilizam desta rede revela a sua ação sócio-ideológica, mostrando posicionamentos perante os

⁵ Entende-se por multissemioses gêneros que fazem parte de nossa vida diária como letreiros luminosos, *banners*, jornais com fotos, hipertextos, *emotions* e outros elementos imagéticos e sonoros que marcam a sociedade contemporânea (ROJO, 2009). A denominação multimodal também está associada à incorporação das duas modalidades de linguagem verbal: a oralidade e a escrita.

acontecimentos da nossa era. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso correspondente a um grupo de temas, quando pertencentes ao mesmo gênero. Na atualidade, a interação na forma de diálogos constitui em algo riquíssimo para estudos de linguagem. A compreensão da necessidade do homem de utilizá-la para suas conquistas, emergem no cotidiano em todos os campos da atividade humana, que só é possível num contexto de interlocução em que as trocas de enunciados possibilitam construções de sentidos no momento em que a interação acontece.

Nesse sentido, não se pode desconsiderar o valor apreciativo do conteúdo do *website* e do posicionamento de seus usuários. Em relação a este último, ao mesmo tempo em que se tornam espécies de co-autores da palavra do outro, eles também demonstram apreciação ou não ao enunciado expresso, como o próprio ato de usar o comando *curtir* ao observar a postagem de seus *amigos*. O comando *curtir* está no âmbito de uma apreciação positiva e o *comentar*, fica dependente da opinião, que pode ser valorativa ou não. O uso do *curtir* e o do *comentar* implica aderir aos meios que possibilitam o processo de co-autoria e de manifestação de apreciação da fala do outro. Incide em um ato que não deixa de lado o silêncio, que também pode ser interpretável, pois quando não há manifestação de outros usuários em relação às postagens, depreende-se que: ou não interessou o conteúdo publicado, por ser irrelevante naquele momento para aquele grupo de amigos, ou porque talvez não necessite de comentários (como um “bom dia... boa tarde amizades”... etc.).

Observe-se alguns recortes retirados da “linha do tempo⁶” de amigos de minha página pessoal, na qual figura-se assunto polêmico, como o protesto sobre o Passe Livre (figura 1), fato ocorrido inicialmente no Estado de São Paulo e posteriormente tomou proporções maiores estendendo-se para todo o Brasil, com manifestos enfocando outros assuntos, como a corrupção, por exemplo. Na figura seguinte, a postagem é sobre a alta do preço do tomate que indignou muitos brasileiros no início do ano de 2013.

Observa-se na figura 1, a postagem de uma foto do protesto ocorrido em Cuiabá, capital de Mato Grosso e sobre a qual outros usuários curtiram e comentaram tal publicação. A imagem é disponibilizada juntamente com o *link* de sua origem: o *g1.globo.com*, o que pode conduzir os usuários que pretender checar a informação ou

⁶ A linha do tempo corresponde a uma coleção de postagens (fotos, histórias, experiências, eventos, aplicativos, entre outros) que contam a história de uma pessoa. Cf. <<http://pt-br.facebook.com/help/133986550032744>>. Acesso em: 09 set. 2013.

buscar novas. Observa-se também, um compartilhamento da postagem por outro usuário. Essas informações são visíveis na parte inferior da imagem, o *curtir* é ilustrado por uma mão com sinal de positivo, os comentários pelo balão e o compartilhamento, por uma espécie de nota.



Figura 1: Foto de protesto ocorrido em todo o Brasil, postada por usuária do *facebook*.

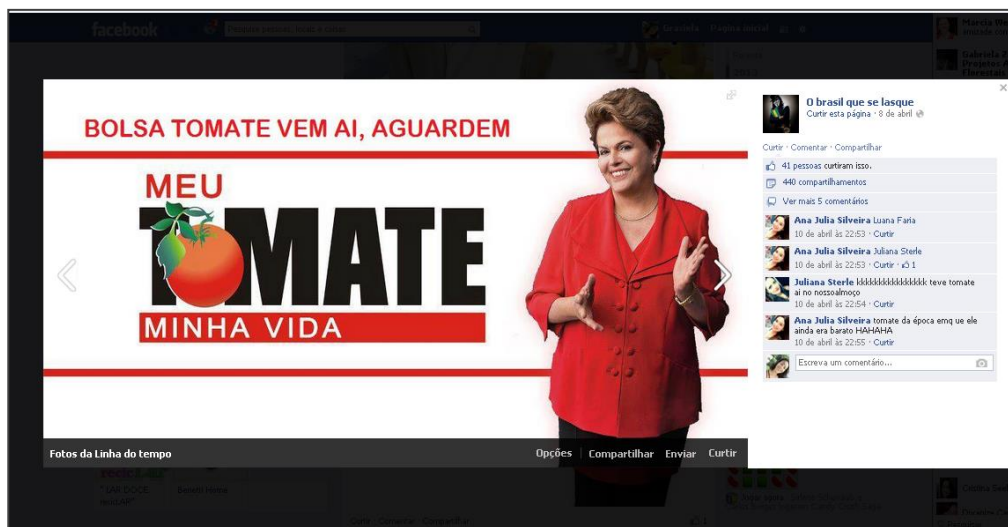


Figura 2: *Slogan* sarcástico postado por usuário do *facebook* com trocadilho que retoma o Programa Bolsa Família do Governo Federal, relacionado ao preço do tomate que teve alta de valor em todo o Brasil no início de 2013.

A segunda imagem, postada originariamente por usuário “O Brasil que se lasque”, critica a alta do preço do tomate no início de 2013 devido a baixa oferta, resultante de problemas climáticos que afetaram a produção dos frutos. O criador do *slogan* critica a atuação do governo em relação à geração de bolsas, como o Bolsa Família, fazendo um trocadilho do fato.

Muitas outras postagens sobre esses assuntos circularam nas redes sociais sob diversos gêneros discursivos. Observa-se a interação de outros usuários em forma de comentários, compartilhamentos ou apenas uma apreciação positiva através da ação *curtir*.

Diversos exemplos podem ser utilizados em sala de aula para ativar o espírito crítico dos alunos, bem como conscientização política, econômica, social entre outros aspectos. Além dos relacionados à língua enquanto sistema de regras.

6. A relevância do *site* para o contexto de ensino e aprendizagem

Pensando no contexto de sala de aula, em que são constantes as reclamações de professores em relação à leitura e à escrita, principalmente. Percebe-se que no uso desse *site* e de outros, os alunos são constantes leitores e escritores, contradizendo o que se postula. Eles não leem o que a escola espera que leiam, mas leem muitos textos de circulação social presentes neles. A essa nova configuração de escrita e leitura dos gêneros virtuais “se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um hibridismo ainda não bem-conhecido e muitas vezes mal-compreendido”⁷ (MARCUSCHI, p. 40, 2002). Nessa perspectiva, segundo o autor, a escrita nos meios virtuais se dá numa relação muito próxima com a fala, em alguns contextos. Acrescenta ainda que em relação a escrita, há um consenso de que esta é a área na qual mais se verifica a presença e a força da computação no contexto da língua.

Poderia o *site* se tornar uma ferramenta de ensino de línguas, através de uma formação específica dos professores para esse contexto? Poderia promover um processo

⁷ Nesse ponto acrescenta: muitas coisas mudam nesta questão em especial nossa idéia de produção textual e nossas formas de produção. Para alguns muda a própria noção de texto ao se considerar a questão do hipertexto. Em consequência, mudaria a noção de autor, leitor e até mesmo de processos de construção de sentido. Não se trata de aspectos triviais como a maior facilidade de lidar com o texto e de montá-lo e remontá-lo. Pois isso é óbvio, embora do ponto de vista da produção empírica represente uma mudança interessante nas nossas vidas (MARCUSCHI, 2002, p. 40).

de letramento crítico, quando os sujeitos são levados a refletir e posteriormente ter ações mais construtivas que colaborem para a formação de uma sociedade mais organizada e justa?

Como ainda se vivencia uma estrutura muito fechada de educação e que tenta homogeneizar os sujeitos, tornam-se mais complexas e difíceis as ações que considerem o contexto sócio-cultural. Em consonância com as palavras de Jesus (2011, p. 3),

[...] o educador vive ainda sob a égide de uma estrutura educacional fragmentada e que homogeneiza os indivíduos, negando a diversidade de comportamento. Assim, é necessário que o professor acostumado a esse contexto aprenda a “como se comportar” e a “se comunicar” no território digital.

O autor acrescenta ainda, que o educador precisa se reculturar e se reorganizar no tempo, ações que acarretam uma mudança de papéis e de estrutura e que possibilita o desenvolvimento de novas culturas. “Requer-se que os professores formados no paradigma tradicional apreendam a cultura digital para que possam aprender e utilizar esse ambiente como objeto de reflexão crítica no cotidiano escolar” (JESUS, 2011, p. 03).

Para Jordão (2007, p. 24), a escola pode ensinar os interlocutores a reconhecerem os contextos de falas, que aquele que fala, fala de algum lugar, marcado ideologicamente e coletivamente construído e tem implicações nas construções identitárias daqueles que com eles interagem. Segundo a autora,

O reconhecimento da multimodalidade que nos cerca, acompanhado do trabalho escolar com a variedade de formas de comunicação utilizadas pelas sociedades hoje e seu inter-relacionamento, é um campo bastante rico para se tomar consciência desta miríade de maneiras de construir sentidos de que dispomos no mundo contemporâneo.

No trabalho com gêneros discursivos, o *site* oferece uma gama de variedades, o aluno pode aprender diversos gêneros, como charges, piadas, notícias, provérbios, relatos pessoais, sinopses, músicas, orações, mensagens motivacionais, poemas entre outros, que circulam nesse contexto, bem como seus aspectos formais. O uso contextualizado destes pode ser muito mais fecundo, desde que haja um

encaminhamento planejado das atividades e uma noção mais amadurecida de leitura e escrita na *web* e sua relação “síncrona” (MARCUSCHI, 2002).

A apropriação crítica dessa ferramenta é aquela que além de promover o ensino dos aspectos formais e linguísticos também promova uma certa autonomia nos alunos, que leve a uma auto-consciência de suas ações num espaço micro e amplo. Resulta, dessa forma, um sujeito mais ativo com responsabilidade social e politicamente correto, respectivamente.

Nesse viés, o uso do *Facebook* considerando-o como uma ferramenta das práticas cotidianas, num exemplo prático, relevando o ensino de leitura e escrita apresenta-se algumas possibilidades de trabalho em sala de aula:

- Quando relacionados aos aspectos gramaticais, a observação da: ortografia, abreviaturas, pontuação, sintaxe, fonética e fonologia entre outros, que podem ser obtidos no uso corrente. Nesse ponto, podem ser observadas mudanças da língua considerando seus usos semântico-funcionais e categóricos, bem como pragmáticos; Em vez de partir de uma regra gramatical, pode-se partir, de um trecho de linguagem num contexto de uso; O educador, nessa perspectiva, [...] tem de levar em conta que as regras aqui não serão apenas de “gramática” no sentido tradicional, mas também dirão respeito à interação entre as várias modalidades de linguagem presentes nessa prática nova”. (BRASIL, 2006, p. 110).
- Trabalho com variação linguística correlacionando aos conceitos de normas existentes,
- Semiótica das fotos; qual o papel dos elementos visuais na construção de sentidos nas páginas do *site*?
- Produção de textos através da análise de temas que circulam socialmente nesse *site*;
- Interpretação de textos com questionamentos que permitam ao aluno ir além dos sentidos do texto, relacionando aos sentidos construídos dentro de um contexto social, histórico e envolto em relações de poder;

Muitas outras abordagens podem ser exploradas, a depender também da criatividade do professor.

Considerações finais

Não é de se ignorar a presença das novas tecnologias no mundo, marcando ainda mais a competição que define novas exigências para os jovens ingressarem no mercado de trabalho atual, entende-se que o educador tem também essa tarefa de ajudar os alunos

numa formação cidadã ampla, aberta, crítica, mais amadurecida, como propõe os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Por isso, a atenção dada a variados gêneros discursivos, pois o aluno precisa ler (não só gramaticalmente), mas discursivamente tudo que o cerca, para a partir daí compreender qual a sua posição, que atitude tomar perante os acontecimentos de nossa era.

Em relação aos hipertextos, apresentam um caráter ideológico, pois os *hiperlinks* levam o internauta a textos já organizados que podem manipular o leitor através da linguagem. Nesse contexto percebe-se que os *hiperlinks* não têm isenção na formação ideológica de seus seguidores, por isso deve-se olhar tudo com olhar crítico refletindo que nada é por acaso. No contexto de educação, é preciso direcionar os alunos para essas informações velozes e atentá-los para o processo intertextual e contextualizado dos textos.

Pelos novos letramentos, compreende-se que é do cotidiano que se pode tirar aprendizados e significados, construindo novos conceitos e compartilhando com as pessoas, criando e aumentando esse espiral. A linguagem é assim, ela é terrena, viva e não abstrata, vive e é utilizada pelo homem de acordo com suas necessidades.

Cabe um exemplo de Joseph Campbell (1904-1987, p. 21) tratando sobre a importância dos rituais na nossa sociedade, metaforicamente, pode ser transportada para ilustrar a homogeneidade da nossa instituição escolar:

No futebol americano, por exemplo, as regras são muito rigorosas e complexas. Se você fosse à Inglaterra, por exemplo, veria que as regras do rúgbi não são assim tão rigorosas. Quando eu era estudante, nos anos 20, havia uma dupla de jovens que formavam uma ala sensacional, especializada no passe de longa distância. Eles foram para Oxford, com uma bolsa de estudos, se inscreveram no time de rúgbi e um dia introduziram o passe dianteiro. E os jogadores ingleses disseram: “Bem, não temos regras para isso, portanto por favor não o façam mais. Não jogamos desse modo.”

Diante do exposto, fica a crítica, na qual, conclui-se que uma cultura que se manteve de certa forma, homogênea, mantém uma dimensão de regras subentendidas, que não foram escritas e pelas quais as pessoas se guiam. É essa a dificuldade de trabalhar no contexto escolar de maneira diferenciada, autônoma, pois o *ethos* instaurado ainda está longe de ser mudado, pois existe um sistema muito rígido que vai além das forças do ‘mero’ professor e do espaço escolar.

Referências

- BAKHTIN (1952-1953/1979). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Cláudia G. Paes de. *Letramento digital – Considerações sobre a leitura e a escrita na internet*. In: Revista Polifonia. Ano 9, Nº 1, Volume 12, EdUFMT, Cuiabá, 2006. p. 133-156.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. & FIORIN, José Luiz (Orgs.). Dialogismo, Polifonia e enunciação. In: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BUZATO, M. E. K. Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. *Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 46, p. 45-62, 2007.
- _____. *Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso*. Revista Brasileira de Educação (Impresso), v. 13, p. 325-342, 2008.
- BRASIL/MEC/SEB/ DPEM. *Orientações Curriculares de Ensino Médio*. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM. p. 14-56, 2006.
- JESUS, Danie Marcelo. *Reculturação, reestruturação e reorganização temporal de professores-alunos no ambiente digital*. Hipertextus revista digital (UFPE), v. 06, p. 01-18, 2011.
- JORDÃO, C. M. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 46.1, p. 19, 2007.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Ed. 34, Rio de Janeiro: 1993.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.
- MENEZES DE SOUZA, LYNS. M. T. “O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?” In: Jordão, C. M., Martinez, J. Z. & Halu, R. C. (Orgs.) *Formação “desformatada”*. Práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 279-303.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- SEGANFREDO-SANTOS, Leandra Ines & CICHELERO, Marli. *Inclusão do letramento digital na formação continuada de docentes de língua inglesa: algumas contribuições*. Revista Polifonia, v. 19, nº 25, EDUFMT, Cuiabá, 2012. p. 197-221.

Sites consultados

Significado de Facebook. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/facebook/>>. Acesso em: 01 dez. 2012.

Como funciona o Facebook. Disponível em: <<http://informatica.hsw.uol.com.br/facebook.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2012.

O que é o Facebook? Aprenda a usar essa ferramenta de social media. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/henriquepuccini/facebook-humantech#btnNext>>. Acesso em: 01 dez. 2012.

CONTEXT DIGITAL AND LANGUAGE TEACHING: THE CASE OF A SITE OF RELATIONSHIP

ABSTRACT

This text elaborates on the digital facebook, in relation to its dialogical character, ideological and linguistic, taking into account the theoretical framework related to the concept of digital literacy and training of teachers, concepts that have been discussed in recent years mainly related to teacher training. Looking up, thereby reflecting on the possibility of using this and other networking sites to their teaching in the classroom, as many students experience these daily experiences, as well as the teachers own.

Keywords: *site* relationship, literacy, teaching, facebook.

Recebido em 01/11/2013.

Aprovado em 06/11/2013.